

# POEMAS DE CORA CORALINA NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO: possíveis efeitos de autoria

**José Gleidson Sales das Chagas**

jgsc@discente.ifpe.edu.br

**Karla Janaina Alexandre da Silva**

karla.silva@garanhuns.ifpe.edu.br

---

## RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir teoricamente a noção de autoria, a partir da análise dos poemas *O Cântico da Terra*, *Todas as vidas* e *Mulher da vida*, da obra *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, de Cora Coralina (2012). Sob à luz da Análise do Discurso de linha pecheuxtiana (AD), mobilizaremos as noções teóricas de língua e de sujeito para produzir um deslocamento quanto à compreensão da escrita. Tomaremos a escrita como um processo que não se inicia no sujeito-enunciador (ou autor do texto literário), mas que remete, sobretudo, à sua constituição discursiva e ao modo como ele mobiliza sentidos para produzir o texto (sob o efeito discursivo da autoria). Também retomaremos a noção teórica de condições de produção para observar os efeitos de sentido que são possíveis destacar nos poemas analisados e, principalmente, refletir sobre como se produz autoria na escrita de Cora Coralina. Esperamos com a análise contribuir para o campo dos estudos discursivos, em relação à reflexão sobre o texto literário e, especialmente, sobre a noção de autoria, enquanto efeito da prática de um sujeito que, ao mesmo tempo em que trabalha sobre os sentidos é capturado por eles.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Texto literário. Escrita. Autoria

## ABSTRACT

This article aims to theoretically discuss the notion of authorship, based on the analysis of the poems *O Cântico da Terra*, *Todas vidas* and *Mulher da vida*, from the work *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, by Cora Coralina (2012). Under the light of Pecheuxtian Discourse Analysis (DA), we will mobilize the theoretical notions of language and subject to produce a shift in the comprehension of writing.

We will take writing as a process that does not start with the subject-enunciator (or author of the literary text), but which refers, above all, to its discursive constitution and the way in which it mobilizes meanings to produce the text (under the discursive effect of authorship). We will also return to the theoretical notion of production conditions to observe the meaning effects that can be highlighted in the analyzed poems and, mainly, to reflect on how authorship is produced in Cora Coralina's writing. We wait that the analysis will contribute to the field of discursive studies, in relation to the reflection on the literary text and, especially, on the notion of authorship, as an effect of the practice of a subject who, at the same time working on the senses, is captured by them.

Keywords: Discourse analysis. Literary text. Writing. Authorship.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo consiste em uma breve reflexão sobre autoria através da análise dos poemas *O Cântico da Terra*, *Todas as vidas* e *Mulher da vida*, da obra *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, de Cora Coralina (2012). A partir do que propõem os estudos da Análise do Discurso de linha pecheuxtiana (PÊCHEUX, 2009), procuraremos lançar um outro olhar sobre essa noção, apartando-nos do modo como comumente ela é abordada nos estudos literários tradicionais.

Para tanto, iniciaremos com a apresentação dos conceitos teóricos que conduzirão a análise proposta: as noções de língua e de sujeito do discurso. Ambas as noções são essenciais para que possamos discutir o processo de escrita, o conceito de texto e o efeito de autoria.

Sobre a noção de língua, Pêcheux (2009) nos orienta que podemos defini-la como uma forma material que se constitui no jogo entre elementos da ordem da interioridade (o sistema linguístico) e da ordem da exterioridade (a História e os sujeitos).

Ao tomar a língua como uma materialidade que se configura na relação entre o linguístico e o social, a AD abre espaço para um desdobramento da noção. O fato é que esse atravessamento da exterioridade produz furos constitutivos na língua e a converte em “um espaço de regras atravessado por falhas” (GADET *et al*, 2011).<sup>1</sup>

Sobre o conceito de sujeito do discurso, a teoria nos diz que corresponde ao processo discursivo através do qual todo indivíduo é interpelado pela linguagem, pela ideologia e pelo inconsciente para converter-se em sujeito e produzir o seu dizer (ORLANDI, 2012). Ao constituir-se no entrecruzamento dessas três ordens (linguagem, ideologia e inconsciente), o sujeito do discurso caracteriza-se por uma falta constitutiva, o que resulta no não controle da língua e dos sentidos que atravessam o dizer<sup>2</sup>.

Por essa discussão sobre a língua, chegamos à concepção de escrita. Esta será concebida como um processo essencialmente discursivo, em que o sujeito-autor, identificado com o espaço de uma Formação Discursiva (FD)<sup>3</sup>, realiza um recorte de saberes que se encontram dispersos no campo dos sentidos para convertê-los em

---

<sup>1</sup> A presença da falha na configuração da noção de língua remete a duas questões: a primeira diz respeito à relatividade da autonomia do sistema. Porque há falha na língua é que podemos pensar que o sistema linguístico não funciona independentemente, mas está condicionado à vida em sociedade. A segunda questão vincula-se a primeira e indica que é a falha o caminho para a percepção da deriva dos sentidos sobre a materialidade da língua. Se a língua é (também) um campo discursivo de inscrição e realização das práticas de sujeitos diversos, o sentido resultante dessas práticas não é um, mas “pode tornar-se outro” (PÊCHEUX, 2009, p.53).

<sup>2</sup> A origem do dizer e do sentido não está no sujeito, mas se refere à dimensão discursiva na qual ele se constitui.

<sup>3</sup> A formação discursiva consiste na matriz de sentidos que determina aquilo que o sujeito pode e deve dizer, sendo, portanto, o lugar de articulação entre língua e discurso. A FD pode ser definida a partir do interdiscurso e entre diferentes formações discursivas, podendo ela estabelecer relações de conflito com consonância. (LEANDRO FERREIRA, 2001).

materialidade na língua (através do texto). Essa definição de escrita corrobora para uma reconfiguração da noção de texto, concebido como uma materialidade que se constitui no jogo entre o linguístico e o discursivo (SILVA, 2014).

Dada a sua abertura para o campo discursivo, o texto não corresponderá a uma única voz (do autor), mas será o resultado de “[...] escritas múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação” (BARTHES, 1968, p.04)<sup>4</sup>. E é justamente o entrecruzamento dessas vozes discursivas que propomos observar nos poemas de Cora Coralina.

A noção de sujeito do discurso (PÊCHEUX, 2009) também produz um deslocamento sobre a noção de autoria e o modo como comumente ela é concebida nas análises dos textos literários. Para a AD, a autoria consiste em um efeito discursivo que aponta para a relação do sujeito (na condição de autor) com elementos da discursividade, em um movimento que resulta em uma “materialidade que se apresenta sob a sua responsabilidade” (SILVA, 2014, p. 10).

Sendo assim, faremos uma distinção importante para a condução deste trabalho, que diz respeito à definição de autor que está presente nos estudos literários e a noção de autor da AD. Pois, ao contrário dos estudos literários, que comumente se apoiam na noção de sujeito cartesiano<sup>5</sup> para justificar o surgimento do texto, vemos aqui a autoria não como expressão da vontade do autor, mas como um processo que aponta para a inscrição do sujeito no campo dos sentidos, espaço de origem e constituição de todo e qualquer dizer.

Para tanto, entenderemos a autoria nos poemas de Cora Coralina como um processo que não tem início no sujeito-enunciador (autor do texto literário), mas que se refere ao processo de constituição desse sujeito e sua relação com a ordem do discurso. Com isso, tentaremos observar os efeitos de sentido possíveis de se destacar na materialidade do texto literário e compreender a maneira como eles colaboram para que possamos perceber o efeito de autoria na escrita de Cora Coralina.

Além desses conceitos teóricos, para falar sobre o contexto de produção discursiva no qual se insere os poemas de Cora Coralina, mobilizaremos a noção teórica de condições de produção. Discutiremos a noção tanto no seu sentido estrito, que diz respeito ao contexto imediato da enunciação, como no seu sentido mais amplo, referente ao contexto interpelado sócio-histórico e ideologicamente (ORLANDI, 2012). Também apresentaremos alguns dados biográficos da autora e outros relacionados à obra em análise, pois são dados essenciais para compreensão da condição feminina em seu tempo e, também, da sua escrita.

---

<sup>4</sup> Apesar de ser um teórico da literatura, Roland Barthes (1968) propõe discutir a noção de autor numa perspectiva semelhante a AD. Ver *A morte do autor*.

<sup>5</sup> A noção de sujeito cartesiano corresponde a uma percepção do sujeito como dono de si e com controle sobre o dizer e os sentidos. Na literatura, a noção corrobora para uma visão de que a origem do texto literário é o próprio autor.

Dito isso, passaremos à análise dos poemas, para observar o movimento discursivo de autoria. Para tanto, primeiramente, destacaremos os processos de construção dos sentidos no poema *O Cântico da Terra*, a partir das condições de produção estritas e amplas. Trataremos de mostrar como o lugar de origem da autora (o estado de Goiás) é representado no poema. Em um segundo momento, para análise dos poemas *Todas as vidas* e *Mulher da vida*, focaremos, especialmente, nas condições de produção amplas, tendo em vista que a discussão sobre a condição feminina nesses dois poemas revela, mais fortemente, a relação do movimento de autoria apoiado na discursividade. São poemas cujos deslizamentos dos sentidos apontam para a escritora na sua condição de sujeito do discurso, isto é, sujeito que é interpelado sócio-histórico e ideologicamente.

Salientamos que a escolha desses três poemas se deu por considerarmos materialidades textuais significativas para a detecção do funcionamento discursivo da autoria. Além disso, cabe ressaltar a relevância de se estudar a obra dessa escritora sob a perspectiva discursiva, visto que seus poemas possuem uma escrita simples, recheada de temáticas sociais que compensam ser exploradas, fazendo-se necessária uma discussão sobre o trabalho de uma autora da qualidade e importância de Cora Coralina para a literatura brasileira.

Em vista disso, consideramos que se faz importante uma abordagem da AD nos poemas supracitados, de maneira que teremos a intenção de realizar uma leitura que possa ir além da estrutura linguística, ou do conteúdo da materialidade textual, de modo a perceber as possibilidades de interpretação desses poemas.

Na próxima seção, discorreremos mais um pouco sobre as noções teóricas já mencionadas e que fundamentam o artigo. Nossa intenção é propor uma reflexão teórica que valide o olhar discursivo que lançaremos sobre os poemas de Cora Coralina.

## **2 AS NOÇÕES DISCURSIVAS DE LÍNGUA E SUJEITO E OS SEUS DESDOBRAMENTOS SOBRE AS NOÇÕES DE ESCRITA, DE TEXTO E DE AUTORIA**

Como dissemos anteriormente, a discussão que propomos aqui sobre o movimento de autoria em poemas de Cora Coralina está fundamentada teoricamente na Análise do Discurso de linha pecheuxiana (AD). Essa teoria apoia-se em uma reflexão que destaca o contexto em que a linguagem se realiza e insere o homem na história (ORLANDI, 2012). Nesse sentido, a AD adota uma concepção de língua que envolve, ademais dos aspectos de ordem linguística, os elementos de ordem histórica e social, sendo, portanto, o imbricamento desses elementos as duas ordens que constituem a noção de língua e que são essenciais para a observação do funcionamento do discurso.

De acordo com Silva (2014), nos estudos da AD, a língua não deve ser pensada apenas pelo viés da autonomia, baseada somente em aspectos que dizem respeito

ao sistema linguístico, pois a exterioridade (História e os sujeitos) também consiste em um elemento indispensável para seu processo de constituição. À vista disso, quando pensamos a língua para além do sistema linguístico, como uma materialidade que se constitui na relação entre o linguístico e a exterioridade, estamos pensando essa exterioridade como a História que é constituída por homens na condição de sujeitos. Com isso, a forma como a língua se realiza e funciona tem a ver com as práticas desses sujeitos e com a maneira como eles atribuem valor a elas. Assim, notamos que é por meio dessas práticas que os sujeitos passam a se inscrever na língua e enunciar.

Dessa forma, percebemos que o conceito de língua é baseado no entrecruzamento de elementos da ordem da interioridade (sistema) e elementos da ordem da exterioridade (História e sujeitos) e a relação desses elementos permite-nos enxergar a materialidade da língua como uma superfície porosa, que nos possibilita pensar os espaços pelos quais o sentido vai escapar. Sobre isso, Leandro Ferreira (2000, p.02) salienta que:

Precisamente do encontro entre língua e História advém a possibilidade de analisar o equívoco (e a ambiguidade, seu caso limite). O equívoco irrompe como um lugar de resistência que é inerente à língua e à sua constituição e compatível com a natureza instável, heterogênea e contraditória de um sistema não-fechado.

Com isso, podemos dizer que a regularidade do sistema linguístico é afetada pelo equívoco, de modo a manifestar ambiguidades, contradição, falhas, mal-entendidos, deslizamentos de sentido que podem fazer o enunciado se tornar outro (LEANDRO FERREIRA, 2000). E é justamente essa contradição discursiva que intencionamos verificar no corpus do nosso trabalho.

Quando entendemos a língua como uma forma material que se configura pela relação com a exterioridade, abrimos espaço para uma discussão sobre os sentidos que atravessam essa materialidade. Disso resulta um outro modo de compreender a escrita e o texto. A escrita será vista como um processo discursivo de recorte dos sentidos que se encontram à deriva, através do qual o sujeito-autor, identificado com uma FD, pela escolha das palavras, retoma esses sentidos, para materializá-los através da língua. Essa materialidade consiste no texto, o resultado do jogo entre os elementos da face linguística e os da face discursiva.

Desse modo, é importante frisar que o texto para a AD ultrapassa a barreira de apenas informar alguma coisa. Por mais que, ao produzir um texto, tenhamos a ilusão de que este possui começo, meio e fim, essa materialidade não é fechada em si mesma, pois nela existe uma abertura para os sentidos e para a interpretação. A partir dessa perspectiva, acreditamos que os poemas de Cora Coralina (textos literários) se constituem pelo viés da incompletude e é justamente por essa característica que eles podem ficar abertos para novas possibilidades de sentido e interpretações.

Com relação ao sujeito do discurso, Pêcheux (2009) pontua que a noção está relacionada ao processo discursivo através do qual o indivíduo é interpelado em sujeito pela linguagem, pela ideologia e pelo inconsciente para que se produza o dizer. Vale salientar que essa perspectiva de sujeito é pensada por Pêcheux baseado nas leituras provenientes do Materialismo Histórico (ALTHUSSER, 1970) e da Psicanálise, a partir da leitura da noção de sujeito proposta por Lacan. A respeito disso, Leandro Ferreira (2014, p.5) afirma que:

O sujeito estaria assim sendo afetado, simultaneamente, por essas três ordens e deixando em cada uma delas um furo, como é próprio da estrutura de um ser-em-falta: o furo da linguagem, representado pelo equívoco; o furo da ideologia, expresso pela contradição, e o furo do inconsciente, trabalhado na psicanálise. Daí decorre o fato de a incompletude ser tão marcante para todo o quadro teórico do discurso e contaminar, de certa forma, os principais conceitos que o compõem. É precisamente essa falta que vai acabar tornando-se o lugar do possível para o sujeito desejante e para o sujeito interpelado ideologicamente da análise do discurso.

Sendo assim, o sujeito se constitui pelo entremeio destas três ordens, que é a linguagem, a ideologia e o inconsciente. A linguagem funcionará como um campo de mediação entre os indivíduos e as coisas do mundo e a ideologia será responsável por dar sentido ao modo como os sujeitos realizam suas práticas. Essa concepção de sujeito também nos faz entender a sua relação com o espaço de uma FD. Vale esclarecer que esse espaço é heterogêneo e marcado pela contradição, o que possibilita a identificação dessas características no discurso do sujeito (PÊCHEUX, 2009). Nesse sentido, a ideologia atua nos sujeitos através da sua identificação com determinadas formações discursivas e a partir dessa identificação é que a enunciação acontece.

Para Althusser (1970), a noção de sujeito está vinculada ao funcionamento da ideologia em um dado sistema de produção social. Para ele, o sujeito, ao realizar práticas sociais por meio do assujeitamento ideológico, colabora para a permanência da ideologia, como em um “jogo de dupla constituição” (ALTHUSSER, 1970, p. 94).

Os efeitos ideológicos desse processo de assujeitamento fazem com que o sujeito seja tomado por uma cadeia de sentidos, de modo que ele não se dá conta disso e se acha a origem do dizer e do sentido, e é justamente nesse aspecto que o inconsciente atua e é responsável pelo apagamento do efeito ideológico no sujeito.

Cabe citar os conceitos de esquecimento nº 1 e de nº 2, uma vez que eles possibilitam explicar de forma mais específica como o inconsciente funciona. O esquecimento nº1 se baseia no efeito ideológico que ocorre de forma inconsciente, em que o sujeito é interpelado no espaço de uma FD e dessa forma ele acredita ser a origem do sentido (PÊCHEUX; FUCHS, 2009). Já o esquecimento nº 2 ocorre de forma pré-consciente, quando o sujeito-falante “seleciona no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências

que nela se encontram em relação de paráfrase” (PÊCHEUX, 2009, p.161). Na prática, ambas as noções não se separam, pois o esquecimento nº 2 depende do esquecimento nº 1 e, desse modo, permite-nos compreender o funcionamento do inconsciente.

O entrecruzamento da linguagem, da ideologia e do inconsciente sobre o sujeito provoca uma ruptura constitutiva e o converte em um “efeito de linguagem, assujeitado e desejante” (LEANDRO FERREIRA, 2014, p.8), afeta a realização das práticas que ocorrem por meio da língua. Disso resulta a impossibilidade do sujeito tudo poder dizer ou significar.

Alicerçado nesse conceito de sujeito assujeitado ideologicamente, atravessado pelo inconsciente e pela linguagem, e que não detém o controle sobre a língua, compreendemos que a autoria corresponde a um efeito discursivo através do qual o sujeito inscrito no espaço de uma FD, produz um recorte de sentidos advindos da discursividade para, no cumprimento do efeito de autoria, atualizá-los e convertê-los no texto que se apresenta sob a sua responsabilidade (SILVA, 2014).

O sujeito assume posições discursivas que são reveladas no processo de enunciação, a partir da sua identificação com sentidos que foram constituídos dentro do espaço de uma FD. Por isso, quando pensamos o autor, nessa perspectiva, compreendemos que a noção proposta pela AD é diferente da que está posta nos estudos literários mais tradicionais, a qual se refere ao sujeito cartesiano, em que o autor é visto como a peça principal para o entendimento da obra.

Sobre essa questão, Roland Barthes (1968), nos leva a uma reflexão sobre a noção de autoria, uma vez que para ele não é correto enxergar o sentido do texto a partir do autor. Em *A morte do autor*, o escritor e filósofo francês aponta que (1968, p. 2):

O scriptor moderno nasce ao mesmo tempo que o seu texto; não está de modo algum provido de um ser que precederia ou excederia sua escrita, não é de modo algum o sujeito de que o seu livro seria predicado; não existe outro tempo para além do da enunciação, e todo o texto é escrito eternamente aqui e agora.

Dessa forma, ocorre *A morte do autor* que é o fato dele não ser a origem do dizer e dos sentidos, pois o que vemos nos textos são tomadas de posição a partir da identificação do sujeito com outros discursos. Barthes utiliza o termo *scriptor* justamente para fugir da definição de autor propagada pelos estudos literários. Para ele, o significado do texto encontra-se no leitor, pois cada leitor realiza um tipo de interpretação sobre um determinado texto. Logo, o modo como esse leitor interpreta tem a ver com o modo como ele é ideologicamente assujeitado, pois esse sujeito pode assumir posições de sujeito tanto para enunciar como para interpretar.

E com base nessa discussão teórica e, especialmente, nessa noção de autoria, é que lançaremos um olhar sobre a poesia de Cora Coralina. Na nossa análise, os



versos que serão analisados não correspondem ao trabalho de uma autora que expressa exatamente o que quer com suas palavras, mas à tomada de posição de um sujeito sob o efeito da autoria. Efeito que aponta para a sua constituição em um campo discursivo e o modo como ela se identifica e atualiza sentidos para enunciar.

Destacamos ainda que, para analisar a autoria é pertinente considerar as condições de produção, pois elas são responsáveis pelo estabelecimento das relações de força no interior do discurso e mantêm com a linguagem uma relação necessária, constituindo com ela o sentido do texto. De acordo com Orlandi (2001, p.15), “discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento [...]”. Seguindo essa premissa, não pode existir uma análise de discurso que desconsidere o aspecto histórico do discurso, visto que ele é um objeto que tem sua determinação por esse processo e pelas condições de produção impostas.

Em sua obra intitulada *Discurso: estrutura ou acontecimento*, Pêcheux (2012) nos mostra que um mesmo enunciado pode ter efeitos de sentido diferentes em condições de produção distintas. Elas englobam fundamentalmente o sujeito e a situação, de modo que por meio da memória o sujeito pode acioná-las. A partir disso, compreendemos que a noção de condições de produção nos possibilita refletir sobre indícios históricos e, no interior do discurso do sujeito, elas atuam como marcas pertinentes no processo de produção de sentido.

Vale ressaltar que as condições de produção podem ser analisadas em um sentido estrito, isto é, observadas a partir do contexto imediato da enunciação, ou podem corresponder a um sentido mais amplo que inclui o contexto sócio-histórico ideológico no qual o sujeito se constitui (ORLANDI, 2012).

Para uma melhor compreensão das condições de produção discursiva que envolvem o movimento de autoria nos poemas de Cora Coralina, realizaremos uma breve contextualização da obra e da realidade da autora.

## 2.1 Vida e obra de Cora Coralina

A poetisa Ana Lins dos Guimarães Peixoto, conhecida como Cora Coralina, nasceu em 20 de agosto 1889, na cidade de Goiânia, capital de Goiás. Era filha de Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, nomeado desembargador por Dom Pedro II. Era tida como uma menina magricela e desengonçada de uma família de grandes proprietários rurais. Ela cresceu em uma fazenda e teve uma infância "intimidada, diminuída, incompreendida" (CORALINA, 2012, p. 127) pela indiferença da mãe.

No entanto, em 1911, ela toma a decisão inesperada de fugir de casa para se casar com Catídio Bretas, um advogado separado da primeira esposa, com quem Cora Coralina teve seis filhos. Morou em São Paulo e foi convidada para participar da Semana de Arte Moderna em 1922, contudo recusou o convite por impedimento

do marido. Ainda jovem ela já produzia, mas sua primeira obra só foi publicada quando a escritora tinha 76 anos de idade, e foi intitulada *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965). Com a morte do marido, ela volta para Goiás após ficar longe por 45 anos, onde faleceu em Goiânia aos 95 anos, em 1985.

Sobre sua obra, Brito (2007, p. 1) considera que “uma leitura dos significados fornecidos pela poesia de Cora Coralina conduz à identificação de importantes aspectos da história e da sociedade goianas.” Com isso, os versos de Cora contam fatos, lendas e tradições do estado de Goiás, de povoados, de sua vivência interiorana. Conforme Campos (2003), no século XIX, a economia do estado de Goiás tinha a pecuária como elemento mais importante e a população se concentrava na área rural, assim, essas características colaboraram para que Goiás se tornasse um estado agrário por excelência, cuja economia se destaca pela produção agrícola até hoje. Sendo assim, a obra em tela traz revelações desses aspectos sociais da vida em Goiás.

Brito (2007) também destaca que a poetisa escreveu sobre o seu lugar e o seu tempo, destacando a realidade das mulheres marginalizadas dos becos de Goiás dos anos de 1900. Ou seja, os poemas mostram o quanto o machismo, o conservadorismo e o patriarcado estavam presentes a seu tempo, uma vez que a poetisa aponta uma discussão sobre as mulheres desprezadas e subjugadas socialmente. Ela nos revela, mesmo que implicitamente, uma inquietação no que corresponde à segregação de pessoas com base nos papéis sociais.

Então, a partir dessas condições de produção, iremos lançar um olhar atento para o que essa escrita poderá nos revelar sobre a autoria em Cora Coralina.

### **3 A TRAMA DO PERCURSO METODOLÓGICO**

Nossa análise se fundamenta teoricamente nas concepções de língua e de sujeito propostas pela AD (PÊCHEUX, 2009), noções que nos possibilitam compreender a escrita como um processo discursivo através do qual o sujeito, identificado com sentidos de uma determinada FD, realizará recortes de saberes presentes nesse espaço para produzir o seu dizer, isto é, assumir uma posição enunciativa e configurar o seu texto (sob o efeito da autoria).

Consideramos os poemas de Cora Coralina como um rico material de análise e identificação do movimento de autoria. Tendo em vista que sua poesia retoma aspectos históricos, comportamentos e valores sociais referentes ao seu lugar de origem (o estado de Goiás), ao mesmo tempo, que diz respeito a questões de sua própria vida. Pela análise, pretendemos investigar como a escrita dessa poetisa *significa*, isto é, compreender o processo discursivo que a leva, na condição de

sujeito, a cumprir a função de autor (ORLANDI, 2008), dadas as condições de produção discursiva.

Então, o que faremos na análise é observar como as condições de produção podem ter influenciado na configuração discursiva dos poemas, considerando o sujeito-autor que os produziu (Cora Coralina), e as situações em que ele se encontrava (século XX, estado de Goiás).

Desse modo, analisaremos três poemas: *O Cântico da Terra*, *Todas as vidas e Mulher da vida*, presentes na obra *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. Buscamos, inicialmente, observar os processos de construção dos sentidos no poema *O Cântico da Terra*, com base nas condições de produção estritas e em seguida as condições de produção amplas (ORLANDI, 2012) e a partir disso, procuraremos mostrar como a poetisa retrata o estado de Goiás. Analisamos o movimento de autoria a partir das condições de produção, mas para discutir essas questões é necessário retomar a noção de língua e de sujeito do discurso para se pensar a escrita e o texto e finalmente chegar à autoria.

Já nos poemas *Todas as vida e Mulher da vida*, focaremos nas condições de produção amplas, uma vez que nelas há uma importante discussão sobre a condição feminina que expressa, de forma mais significativa, o movimento de autoria.

Pretendemos observar quais as marcas que esse efeito de autoria deixará nos textos analisados. Vale salientar que não trouxemos para análise os poemas completos, mas fragmentos que aqui serão chamados de sequências discursivas.

#### 4 NA TECITURA DA ANÁLISE

Como mencionado anteriormente, o material escolhido como corpus de análise são três poemas extraídos do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. Esta obra reúne uma coletânea de versos da escritora que representam suas memórias pessoais e um posicionamento sobre a sociedade goianiense do seu tempo. Os becos são o lugar escolhido por Cora Coralina para indicar denúncias referentes a essa sociedade local, mas que também representam comportamentos que transcendem a realidade desse lugar: os becos de Goiás como um depósito de tudo aquilo que a sociedade deseja evitar (BRITO, 2007).

A partir dessa breve contextualização, iniciaremos a análise do corpus pela observação das condições estritas de produção discursiva. Esse processo corresponde à mobilização de sentidos referentes “ao aqui e ao agora da enunciação, pelo qual o sujeito-autor através das circunstâncias da enunciação revela a determinação histórica do discurso” (ORLANDI, 2001, p.30). No poema *O Cântico da Terra*, o sujeito-autor retrata os valores do homem do campo e a sua

relação com a terra, baseada em suas memórias afetivas. Coloca-se no papel da própria terra e, em primeira pessoa, fala com os leitores sobre a origem da vida.

### **SD1**

**Eu sou a terra, eu sou a vida.**

**Do meu barro primeiro veio o homem.**

De mim veio a mulher e veio o amor.

Veio a árvore, veio a fonte.

Vem o fruto e vem a flor.

(Cora Coralina, 2012)

A partir da SD1, percebemos que o sujeito-autor discute o valor da terra, enquanto a origem da vida. Os seus versos retomam práticas e valores presentes na vida do homem do campo e, ao mesmo tempo, os versos correspondem à própria história de vida da autora: Cora Coralina canta o seu lugar de origem: o estado de Goiás que ainda era muito rural e não tinha a configuração urbana que possui atualmente.

Há também um atravessamento do discurso religioso, como podemos perceber no trecho: *do meu barro primeiro veio o homem*, que retoma a passagem do segundo capítulo da Bíblia em Gênesis 2,7: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego da vida e o homem foi feito alma vivente”, como também na frase de Gênesis 3,19: “Porquanto és pó e em pó te tornarás”.

A presença do discurso religioso aponta para o modo como o sujeito-autor percebe a relação entre o homem do campo e a terra: a terra é a representação do que é divino, ao mesmo tempo, que constitui o que é humano (*Do meu barro primeiro veio o homem*). Na SD1 também há um jogo entre o sagrado, o feminino associado à fertilidade (*eu sou a terra, eu sou a vida*). Então, pensamos que é possível afirmar que, por essa representação da terra como a grande mãe, a origem de tudo, há uma relação dos versos com a religiosidade presente na mitologia grega, associada à deusa primordial da mitologia, Gaia<sup>6</sup>, o grande princípio da criação.

Por outro lado, os versos cantados pelo sujeito-autor também dizem respeito às próprias memórias afetivas de Cora Coralina, em relação ao seu lugar de origem (o estado de Goiás). O estado tem sua economia voltada para a agricultura e a pecuária, atividades que fizeram parte da infância e juventude de escritora, que nasceu e cresceu em uma fazenda.

### **SD2**

**Plantemos a roça.**

**Lavremos a gleba.**

**Cuidemos do ninho,**

**do gado e da tulha.**

---

<sup>6</sup> Gaia é uma deusa da mitologia grega considerada a grande mãe de tudo já criado. Ela é reforça a imagem do sagrado feminino ligada a terra fértil.

Fatura teremos  
**e donos de sítio**  
**felizes seremos.**  
 (Cora Coralina, 2012)

A partir desses versos, percebemos que o sujeito-autor descreve a vida do homem do campo – *plantemos a roça / lavremos a gleba/ cuidemos do ninho / do gado e da tulha-*, descrição que ainda corresponde às condições de produção estritas. Ainda nessa estrofe é possível observar um outro movimento discursivo e que, dessa vez, diz respeito às condições amplas de produção discursiva (ORLANDI, 2012), ou seja, diz respeito ao contexto sócio-histórico ideológico.

Nos versos em destaque há uma retomada, por parte do sujeito-autor, do valor que se atribui ao trabalho na lógica capitalista, modo de produção em que a sociedade brasileira também se inscreve.

Ao cantar *plantemos a roça/ lavremos a gleba* como condição para ter *fatura*, percebe-se a identificação do sujeito-autor com o discurso de que é preciso o esforço para se alcançar uma recompensa, é do trabalho que advém o lucro, em outras palavras, uma retomada dos sentidos que nos assujeitam às relações de trabalho na ideologia capitalista. Isso fica mais evidente nos versos finais quando o sujeito-autor sugere que pela *fatura (o lucro)* é possível a posse da terra (*donos de sítio*), sendo fator condicionante da felicidade (*felizes seremos*). Então, aqui o sentido atribuído à terra é outro: possuir terra garante o lucro, a riqueza material.

Vale ressaltar que esse deslizamento de sentido não é de ordem consciente, mas diz respeito ao processo de assujeitamento ideológico, através do qual os sujeitos se identificam com determinados sentidos de uma FD (nesse caso, a FD capitalista) e que atravessarão a materialidade linguística (os versos do poema), sem que o sujeito-autor perceba. E isso retoma a noção de língua proposta por Leandro Ferreira (2000), enquanto espaço do equívoco com possibilidades de inscrição de outros sentidos que não são exatamente os que o sujeito-autor desejava alcançar.

Desse modo, os versos resultam em autoria como um movimento de um sujeito assujeitado ideologicamente que não tem controle sobre a língua e sobre os sentidos, pois quando o sujeito-autor joga com os sentidos para materializá-los por palavras, o texto se torna "um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original; o texto é um tecido de citações, saldas dos mil focos da cultura" (BARTHES, 1968, p.3).

Durante o seu casamento, Cora Coralina foi uma mulher submissa às ordens do esposo. De tal modo que ela foi impedida por ele de apresentar seus poemas na Semana de Arte Moderna, em 1922. Enquanto escritora, ela não pôde participar de eventos importantes para sua carreira e seu reconhecimento profissional ocorreu muito tarde, aos 75 anos de idade, somente após a morte do marido. Com base nesses fatos, pensamos ser possível avançar na análise e tentar observar, a partir

da história de vida da escritora, o modo como a mulher será cantada nos poemas *Todas as vidas* e *Mulher da Vida*.

Em *Todas as vidas*, ao cantar as mulheres dos becos de Goiás, percebemos no sujeito-autor um movimento de resistência ao discurso do patriarcado, à submissão das mulheres a vontade dos homens (uma sujeição que a própria escritora vivenciou). Dessa forma, passaremos para a análise do poema, que trata a respeito do arquétipo feminino, o que inclui mulheres que sofrem algum tipo de exclusão social.

Em relação às condições de produção restritas, percebemos que os versos desse poema apontam para memórias da vida da escritora na fazenda e para os personagens femininos que ilustram esse lugar. Como percebemos nos versos destacados em SD3 e SD4:

**SD3**

Vive dentro de mim  
**uma cabocla velha**  
**de mau-olhado,**  
**acocorada ao pé do borralho,**  
 olhando pra o fogo.  
 Benze quebranto.  
**Bota feitiço...**  
 Ogum. Orixá.  
**Macumba, terreiro.**  
 Ogã, pai-de-santo...

**SD4**

Vive dentro de mim  
**a mulher cozinheira.**  
 Pimenta e cebola.  
 Quitute bem feito.  
 Panela de barro.  
 Taipa de lenha.  
**Cozinha antiga**  
**toda pretinha.**  
**Bem cacheada de picumã.**  
 Pedra pontuda.  
 Cumbuco de coco.  
 Pisando alho-sal.  
 (Cora Coralina, 2012)

Mas, quando observamos as condições de produção amplas, nós mergulhamos no interior do sujeito, pelo modo como, na posição discursiva de autor, tece uma identificação com essas mulheres dos becos de Goiás (socialmente marginalizadas) e com a própria condição feminina na sociedade do patriarcado. Isso é perceptível em SD5:

**SD5**

**Vive dentro de mim**  
**a mulher da vida.**  
 Minha irmãzinha...

**tão desprezada,  
tão murmurada...**  
Fingindo alegre seu triste fado.  
(Cora Coralina, 2012)

Pelo modo como estão postos os versos, percebemos uma identificação (*Vive dentro de mim*) do sujeito-autor com a mulheres que se encontram subjugadas: *a mulher da vida tão desprezada*. Por essa identificação percebemos a própria submissão (ao marido) que a poetisa estava condicionada.

Vale ressaltar que Cora Coralina era uma mulher branca que pertencia a uma família de grandes proprietários rurais. Desse modo, ela nasceu e cresceu em uma fazenda com ótimas condições de vida, já que era filha de Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, um desembargador nomeado por Dom Pedro II.

Os privilégios que a autora desfrutou em vida<sup>7</sup> não correspondem exatamente ao modo como o sujeito-autor sugere uma aproximação com mulheres de origens tão diversas (*vive dentro de mim [...] a cozinheira [...] a mulher da vida*). Portanto, essa identificação do sujeito-autor com mulheres outras é de caráter ideológico, e vai além das condições de produção estritas do discurso. Na verdade, entendemos os versos como um movimento de resistência desse sujeito ao discurso do patriarcado, por meio de um poema que canta as mulheres marginalizadas e oprimidas por esse discurso.

O poema chama atenção para a condição feminina na sociedade patriarcal ocidental e que independente do lugar social que essa mulher ocupe, ele sempre será marginal. Não só a mulher, mas tudo o que se relaciona ao feminino que tende a ser subjugado, inferiorizado e estigmatizado, em outros termos, o feminino sempre ocupará um espaço inferior, no qual não é possível se ter voz e ser ouvido.

Apesar de o sujeito-autor resistir ao discurso do patriarcado e demonstrar uma identificação com as mulheres marginalizadas é possível também observar uma contradição discursiva. Mesmo que, ao cantá-las, pretenda romper com esse discurso, o modo como são descritas as personagens no poema não provoca essa ruptura. Na verdade, em alguns momentos, o modo como são descritas, reforça a maneira como as mulheres podem ser estereotipadas dentro da sociedade patriarcal.

**SD6**  
Vive dentro de mim  
**a mulher do povo**  
**Bem proletária**

---

<sup>7</sup> Referimo-nos ao fato da autora ser uma mulher branca e pertencer a uma família de grandes proprietários rurais. Em 1884, seu pai se tornou desembargador do Tribunal de Relações de Goyaz (hoje Goiás). Vale salientar que a vida de Cora Coralina passa a ser mais difícil financeiramente depois que o marido dela morre e então ela se vê na condição de ter que fazer doces para tirar seu sustento.

**Bem linguaruda**

Desabusada, sem preconceito

**De casca grossa  
e filharada**

(Cora Coralina, 2012)

Em SD6, podemos observar claramente dizeres comuns ao discurso patriarcal, no qual essa mulher autêntica e que tem coragem de se impor é vista como *linguaruda, desabusada, de casca grossa*. E isso nos faz refletir como, no imaginário coletivo, se constitui um dizer sobre ser uma mulher feminista. É justamente por esses versos que conseguimos identificar uma contradição discursiva, pois mesmo em um discurso supostamente transgressor à condição submissa da mulher ainda é possível perceber no poema as marcas do patriarcado.

E essa questão nos remete a própria constituição do sujeito do discurso. Mesmo resistente ao discurso do patriarcado, percebemos, nos versos, o dizer de um sujeito ideologicamente assujeitado a esse discurso. Do ponto de vista ideológico, há sentidos que o sujeito não consegue escapar. O sujeito é um efeito de linguagem que ao mesmo tempo em que é assujeitado pela ideologia, ele também é descontínuo e *desejante* pelo inconsciente (FERREIRA, 2014).

Ao enunciar, o desejo do sujeito-autor é tornar-se outro e escapar das amarras, às quais foi submetido. Mas a língua, enquanto espaço do equívoco, desvela tudo aquilo que o sujeito-autor não terá controle (sobre o dizer, sobre os sentidos que advém desse efeito ideológico).

Essa contradição discursiva também estará presente nos versos do último poema escolhido para análise, *Mulher da vida*. O poema discute a condição de desprezo social dado às mulheres que vivem na prostituição. Com base na análise das condições amplas de produção discursiva, percebemos uma identificação do sujeito-autor com essa mulher que é marginalizada (a mulher dos becos de Goiás) e o que entendemos como um movimento de resistência aos valores da sociedade patriarcal.

**SD7****Mulher da Vida, minha irmã.****Pisadas, espezinhas, ameaçadas.****Desprotegidas e exploradas.**

Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito.

**Necessárias fisiologicamente.**

Indestrutíveis.

Sobreviventes.

(Cora Coralina, 2012)

Mas, ao mesmo tempo em que o sujeito-autor tenta romper com o discurso patriarcal e, de certo modo, procura denunciar a condição social das mulheres prostituídas (*mulher da Vida, Pisadas, espezinhas, ameaçadas, desprotegidas e exploradas, Ignoradas da lei, Necessárias fisiologicamente*), há uma volta aos



valores do patriarcado através de um atravessamento do discurso religioso cristão. Tal afirmativa pode ser comprovada nas seguintes SD:

**SD8**

**No fim dos tempos.**

No dia da Grande Justiça  
do Grande Juiz.

**Serás remida e lavada  
de toda condenação**

**SD9**

E o juiz da Grande Justiça  
a vestirá de branco  
em novo batismo de purificação.  
Limpará as máculas de sua vida  
humilhada e sacrificada

**para que a Família Humana  
possa subsistir sempre**

**SD10**

Declarou-lhes Jesus: Em verdade vos digo que **publicanos e meretrizes vos precedem no Reino de Deus.**

**Evangelho de São  
Mateus 21, 31.**

(Cora Coralina, 2012)

Pelos versos (*no fim dos tempos, serás remida e lavada de toda condenação*), notamos que a única possibilidade de redenção (ou de aceitação, nos moldes do patriarcado) para a mulher da vida ou é morte (o juízo final, os fins dos tempos), ou a conversão (*publicanos e meretrizes vos precedem no Reino de Deus. Evangelho de São Mateus 21, 31.*). Finalmente, prevalecerão os valores morais e da família (*para que a Família Humana / possa subsistir sempre*). Desse modo, fica evidente que o atravessamento do discurso religioso<sup>8</sup> no modo como o sujeito-autor propõe a redenção da mulher da vida gera uma contradição discursiva sobre a proposta inicial do seu discurso.

Esse movimento discursivo remete ao processo de constituição discursiva do sujeito-autor e demonstra como a ideologia dominante também irá atravessá-lo, de maneira que mesmo resistindo ao papel submisso destinado à mulher na sociedade patriarcal, os valores que constituem essa formação social também o atravessam ideologicamente e ganham forma nos versos do poema determinando o sujeito Cora Coralina.

---

<sup>8</sup> Segundo Althusser (1970) a igreja é o principal aparelho ideológico do Estado, visto que nela está presente a religião que, por sua vez, tem o privilégio de ser uma classe dominante que faz prevalecer seus valores, a sua ideologia e com seu poder de influenciar as pessoas. Sendo assim, devemos considerar que o discurso religioso cristão é próprio dos valores e costumes da sociedade patriarcal. Em outras palavras, apesar do sujeito-autor resistir à forma como esse modelo social define o papel social da mulher, ele também reproduz esse dizer.

Portanto, com base na análise dos poemas podemos afirmar que o sujeito não foge ao assujeitamento ideológico e sofre uma determinação da ideologia dominante mais do que de outra, pois ao mesmo tempo em que critica essa mesma ideologia ele submete-se a ela. Entre o desejo de liberdade e sob o efeito da ideologia e do inconsciente, ele se submete à ordem discursiva da língua. Mas, não detém o controle da mesma. E mesmo que, sob a evidência do sentido, lhe pareça ser possível expressar completamente o que deseja, o sentido outro lhe escapa, pelas brechas constitutivas da língua.

## 5 ESBOÇANDO UM PONTO FINAL

Sob à luz da Análise do Discurso, consideramos que as noções teóricas de sujeito e de língua propostas por essa teoria foram fundamentais para realização deste trabalho. Pelo viés discursivo, a língua se constitui no entrecruzamento de duas ordens, linguística e social, que são fundamentais para observar como o discurso funciona. Essa abertura para a exterioridade confere à língua um espaço de vasão pelo qual o sentido irá escapar. E foi em busca desses sentidos que escapam por entre as palavras, que nos debruçamos sobre os versos de Cora Coralina.

Afetado pela ideologia e pelo inconsciente, o sujeito do discurso se inscreve no campo da linguagem e realiza práticas na língua. Importante dizer que o sujeito não tem consciência do processo discursivo que o constitui. O sujeito é o resultado dos atravessamentos dessas três ordens e isso se evidencia pela falta que lhe é constitutiva. Falta que se materializa na língua pelo não controle do sujeito sobre o dizer e sobre os sentidos. Então, na escrita de Cora Coralina, o que percebemos é o movimento de um sujeito-autor que, pelo dito (os versos) produz uma abertura para o não dito (sentidos outros).

O modo como a AD propõe as noções de língua e de sujeito, provoca desdobramentos nas noções que estão relacionadas à escrita. Com isso, compreendemos que escrever não corresponde apenas a colocar no papel o que exatamente queremos, mas é um gesto que provém da identificação de um sujeito com dizeres possíveis em uma formação discursiva, traço do seu assujeitamento ideológico. Por sua vez, o texto, é a materialidade que resulta do jogo entre os elementos linguísticos (as palavras) e os elementos discursivos (os sentidos). Consiste em um efeito do trabalho do sujeito sobre os sentidos, o que nos leva ao movimento de autoria.

Na perspectiva da AD, a autoria revela como o sujeito, no cumprimento da função social de autor, produz um recorte sobre os sentidos e os materializa na língua (através do texto), um movimento condicionado pelas condições de produção discursiva, isto é, pelo modo como o social e o discursivo (ideológico) afetam o sujeito que se apresenta na posição de autor.

Dito isso, voltamos à análise dos poemas. Por ela, observamos um sujeito-autor (Cora Coralina) que, através de uma memória (da sua vida em Goiás e das histórias

dos becos de Goiás), abre um caminho para que vislumbremos a sua trajetória na língua, materializada nos versos dos seus poemas.

Observamos uma Cora Coralina que se identifica e canta o homem do campo, que canta a terra e o trabalho na lavoura, vinculando esses elementos ao sagrado. Por outro lado, esse sujeito também é afetado pela lógica capitalista e é possível perceber os traços desse assujeitamento e, mesmo sem a intenção de fazê-lo, condiciona a felicidade no campo ao lucro, à posse da terra.

Também é possível perceber uma Cora Coralina que, pela sua história de vida, se identifica com as mulheres marginalizadas (as mulheres dos becos de Goiás) e parte em defesa dessas mulheres através dos seus versos. Mas, sob o efeito do discurso do patriarcado, acaba por reproduzir (nos versos) os valores dessa sociedade que as discrimina.

Compreendemos que essa contradição discursiva presente nos versos de Cora Coralina aponta para o processo de constituição da autora enquanto sujeito, um processo que se dá por meio de furos, de maneira que o sujeito não detém o controle do dizer e do sentido. Isto é, os versos de Cora Coralina não se fecham naquilo que a escritora pretendia cantar, mas, pelo jogo entre o linguístico e o discursivo, revelam outros possíveis efeitos de sentido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

BARTHES, R. Sobre Racine (1963). 2ª ed. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1992.  
 \_\_\_\_\_. A morte do autor (1968). In: O Rumor da Língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Disponível em: [http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/48019/mod\\_resource/content/1/morte\\_do\\_autor.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/48019/mod_resource/content/1/morte_do_autor.pdf), acesso em: 12/06/2021.

BÍBLIA, A. T. Provérbios. In: BÍBLIA. **A Bíblia de estudo da Mulher Sábia**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Casa publicadora Paulista, 2012. p.18 - 20.

BRITO, C. C. Das cantigas do beco: cidade e sociedade na poesia de Cora Coralina. **Sociedade e Cultura**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2007. DOI: 10.5216/sec.v10i1.1724. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/1724>. Acesso em: 20/04/2021.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 1ª Ed. Digital. São Paulo: Global, 2012 a.

CAMPOS, F. Itami. **Coronelismo em Goiás**. 2. Ed. Goiânia: Vieira, 2003.

FERREIRA, M. C. L. **Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso** In: Organon: Revista do Instituto de Letras da Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, v.29, n.56, 2014.

FERREIRA, M. C. L. **Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 10ª ed. São Paulo: Pontes, 2012.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI- RODRIGUES, S. (Org.). Discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006. p.11-31.

ORLANDI, E. **Discurso e leitura**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ORLANDI, E. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. São Paulo: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. **Língua e conhecimento linguístico. Para uma história das ideias no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2002.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento** (1983). Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio** (1975). Campinas: Editora UNICAMP, 2009.

PÊCHEUX, M. **Análise Automática do Discurso** (AAD-69). Trad. E. P. Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de M. Pêcheux.* Campinas: Ed. da Unicamp, 1993, p. 61 – 105.

PÊCHEUX, M. **A Análise do Discurso: três épocas.** Trad. J. de A. Romualdo. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.* Campinas: Ed. da Unicamp, 1997, p. 311-320.

## ANEXO A – Poema O cântico da terra

### **O cântico da terra**

Eu sou a terra, eu sou a vida.  
Do meu barro primeiro veio o homem.  
De mim veio a mulher e veio o amor.  
Veio a árvore, veio a fonte.  
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.  
Sou o chão que se prende à tua casa.  
Sou a telha da cobertura de teu lar.  
A mina constante de teu poço.  
Sou a espiga generosa de teu gado  
e certeza tranqüila ao teu esforço.  
Sou a razão de tua vida.  
De mim vieste pela mão do Criador,  
e a mim tu voltarás no fim da lida.  
Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe Universal.  
Tua filha, tua noiva e desposada.  
A mulher e o ventre que fecundas.  
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.  
Teu arado, tua foice, teu machado.  
O berço pequenino de teu filho.  
O algodão de tua veste  
e o pão de tua casa.

E um dia bem distante  
a mim tu voltarás.  
E no canteiro materno de meu seio  
tranquilo dormirás.

Plantemos a roça.  
Lavremos a gleba.  
Cuidemos do ninho,  
do gado e da tulha.  
Fatura teremos  
e donos de sítio  
felizes seremos.

## ANEXO B – Poema Todas as vidas

**Todas as vidas**

Vive dentro de mim  
uma cabocla velha  
de mau-olhado,  
acocorada ao pé do borralho,  
olhando pra o fogo.  
Benze quebranto.  
Bota feitiço...  
Ogum. Orixá.  
Macumba, terreiro.  
Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim  
a lavadeira do Rio Vermelho.  
Seu cheiro gostoso  
d'água e sabão.  
Rodilha de pano.  
Trouxa de roupa,  
pedra de anil.  
Sua coroa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim  
a mulher cozinheira.  
Pimenta e cebola.  
Quitute bem feito.  
Panela de barro.  
Taipa de lenha.  
Cozinha antiga  
toda pretinha.  
Bem cacheada de picumã.  
Pedra pontuda.  
Cumbuco de coco.  
Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim  
a mulher do povo.  
Bem proletária.  
Bem linguaruda,  
desabusada, sem preconceitos,  
de casca-grossa,  
de chinelinha,  
e filharada.

Vive dentro de mim  
a mulher roceira.  
— Enxerto da terra,  
meio casmurra.  
Trabalhadeira.  
Madrugadeira.  
Analfabeta.  
De pé no chão.

Bem parideira.  
Bem criadeira.  
Seus doze filhos,  
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim  
a mulher da vida.  
Minha irmãzinha...  
tão desprezada,  
tão murmurada...  
Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:  
Na minha vida —  
a vida mera das obscuras.



## ANEXO C – Poema Mulher da vida

### Mulher da vida

Mulher  
da Vida, minha Irmã.  
De todos os tempos.  
De todos os povos.  
De todas as latitudes.  
Ela vem do fundo imemorial das idades e  
carrega a carga pesada dos mais  
torpes sinônimos,  
apelidos e apodos:  
Mulher da zona,  
Mulher da rua,  
Mulher perdida,  
Mulher à-toa.

Mulher da Vida, minha irmã.  
Pisadas, espezinhadas, ameaçadas.  
Desprotegidas e exploradas.  
Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito.  
Necessárias fisiologicamente.  
Indestrutíveis.

Sobreviventes.  
Possuídas e infamadas sempre por  
aqueles que um dia as lançaram na vida.  
Marcadas. Contaminadas,  
Escorchadas. Discriminadas.  
Nenhum direito lhes assiste.

Nenhum estatuto ou norma as protege.  
Sobrevivem como erva cativa dos caminhos,  
pisadas, maltratadas e renascidas.  
Flor sombria, sementeira espinhal  
gerada nos viveiros da miséria, da  
pobreza e do abandono,

enraizada em todos os quadrantes da Terra.  
Um dia, numa cidade longínqua, essa  
mulher corria perseguida pelos homens que  
a tinham maculado. Aflita, ouvindo o  
tropel dos perseguidores e o sibilo das pedras,  
ela encontrou-se com a Justiça.

A Justiça estendeu sua destra poderosa e  
lançou o repto milenar:  
Aquele que estiver sem pecado  
atire a primeira pedra.  
As pedras caíram

e os cobradores deram s costas.  
 O Justo falou então a palavra de eqüidade:  
 Ninguém te condenou, mulher...  
 nem eu te condeno.

A Justiça pesou a falta pelo peso  
 do sacrifício e este excedeu àquela.  
 Vilipendiada, esmagada.  
 Possuída e enxovalhada,  
 ela é a muralha que há milênios detém  
 as urgências brutais do homem para que  
 na sociedade possam coexistir a inocência,  
 a castidade e a virtude.

Na fragilidade de sua carne maculada  
 esbarra a exigência impiedosa do macho.  
 Sem cobertura de leis  
 e sem proteção legal,  
 ela atravessa a vida ultrajada  
 e imprescindível, pisoteada, explorada,  
 nem a sociedade a dispensa  
 nem lhe reconhece direitos  
 nem lhe dá proteção.  
 E quem já alcançou o ideal dessa mulher,  
 que um homem a tome pela mão,  
 a levante, e diga: minha companheira.  
 Mulher da Vida, minha irmã.  
 No fim dos tempos.

No dia da Grande Justiça  
 do Grande Juiz.  
 Serás remida e lavada  
 de toda condenação.  
 E o juiz da Grande Justiça  
 a vestirá de branco em  
 novo batismo de purificação.  
 Limpará as máculas de sua vida  
 humilhada e sacrificada  
 para que a Família Humana  
 possa subsistir sempre,  
 estrutura sólida e indestrutível  
 da sociedade,  
 de todos os povos,  
 de todos os tempos.  
 Mulher da Vida, minha irmã.

Declarou-lhe Jesus: Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem  
 no Reino de Deus.  
 Evangelho de São Mateus 21, ver.31.